

O regresso dos gigantes

Estamos sobre os ombros de crianças e mulheres gigantes, Nefilim que se revoltaram contra a ordem estabelecida, escondidos durante milénios sob o Etna, responsáveis por inúmeros desastres naturais devidos à sua imensa soberba, e agora regressados à luz do sol para nos indicarem o caminho do Ragnarök.

Aqueles que criaram as ilhas e as montanhas, que edificaram imensas construções e que desafiaram abertamente a autoridade de Deus, estão agora entre nós.

STEFANIA BISON

Das CINZAS do PASSADO os RECURSOS do FUTURO

Akira Zakamoto. O polo industrial de Porto Marghera. É emblemático o cenário escolhido pelo pintor turinês para as telas realizadas para esta exposição. Uma escolha nada casual — carregada de significados profundos — que deixa bem pouco espaço a dúvidas interpretativas. O nascimento e o desenvolvimento de Porto Marghera remontam a 1917, quando o empresário veneziano Volpi obteve do ministério das obras públicas a gestão financeira do projecto para a realização do porto industrial. Em cinquenta anos a zona industrial triplica e, de uma produção ligada aos estaleiros navais, torna-se centro propulsor do sector petroquímico. O boom económico aumenta a produção e, com ela, multiplicam-se os problemas relativos à poluição atmosférica e das águas lagunares e as sérias e documentadas consequências para a saúde dos trabalhadores. Palco de grandes fusões empresariais, batalhas e contestações sindicais, com a crise do sector petroquímico Marghera começa novamente a fechar-se sobre si mesma. Progressivamente as fábricas são abandonadas, à espera de um projecto de requalificação e despoluição da zona. E é precisamente neste momento que, sob céus plúmbeos saturados de poluição e por trás de ameaçadoras colunas de fumo, chegam a passos largos as crianças de Zakamoto. Esqueçamos os amorzinhos louros da iconografia do passado, porque os de Akira não são crianças quaisquer. São gigantes, e não só na estatura, que com o seu olhar ora severo ora ameaçador destroem chaminés e esqueletos de fábricas. E, olhando-nos directamente na cara, acusam-nos. Difícil virar-se para o outro lado para evitar os seus olhos, porque diante deles somos todos responsáveis pela devastação ambiental e social que ao longo de um século conseguimos criar. São tão interessantes quanto inéditas as modalidades iconográficas escolhidas pelo artista para enfrentar a temática do trabalho. Nestas páginas pictóricas este é evocado exclusivamente pelos edifícios que ao longo de um século o albergaram, tal como a presença dos operários está subentendida mas nunca explicitada. Também neste contexto Zakamoto se confirma como um pintor realista que todavia, deliberadamente, não respeita os cânones deste género de pintura. Akira não grita

abertamente a sua denúncia da sociedade contemporânea, mas sublima-a e, sublimando-a, indirectamente condena-a. São obras de forte e imediato impacto visual, nas quais os tons escuros e ásperos jogam um feliz contraponto cromático com os vermelhos das camisolas das crianças, que evocam significativamente as chapas das fábricas. Observando estas telas damo-nos conta de que tudo está exactamente no lugar certo, de que não há nada a mais nem que perturbe a vista, nenhum descritivismo supérfluo destinado apenas a piscar o olho ao observador e a preencher o espaço. Como sempre, o artista consegue dosear com sabedoria as ausências e as presenças, carregando-as de significado. Mas tentemos agora mudar de ponto de vista e olhar estas composições pictóricas de um ângulo diferente. Damo-nos conta de que na realidade nada está completamente concluído e de que existe uma frincha de esperança: os céus pesados e cinzentos deixam lugar a restos de azul que abrem a vista sobre um futuro que pode e deve ser diferente. Se Zakamoto não tivesse querido conceder-se, e conceder-nos, uma possibilidade de resgate, teria deixado falar apenas os perfis dos edifícios industriais. Mas aqui os verdadeiros protagonistas são as crianças que, por definição, são a promessa e a esperança do futuro. São elas que, destruindo sem piedade o passado, nos oferecem a possibilidade de construir os alicerces de um amanhã diferente e melhor. Assim, Porto Marghera não é outra coisa senão o emblema de um século que mudou radicalmente a economia e a sociedade, pisando muitas vezes os direitos do homem e as individualidades. A criança que nos olha com um sorriso trocista na obra *O fim do trabalho* é na realidade o ponto de partida a partir do qual recomeçar. Porque todo o fim pressupõe sempre um novo início.

STEFANIA BISON

SOBRE OS OMBROS DOS GIGANTES

O mundo visto por Akira Zakamoto. Só nos artistas, sabe-se, a vida adulta é a continuação natural da infância; é por isso que se diz que os artistas são grandes crianças. Alberto Savinio Do primeiro encontro com Akira Zakamoto recordo sem dúvida a minha mal disfarçada tentativa de descortinar no seu rosto alguma reminiscência de fisionomia oriental: nada feito, Akira não é japonês, nem tem na sua árvore genealógica antepassados vindos da terra do Sol nascente. Depois, lendo a sua biografia, que o conta raptado pelos extraterrestres, perguntei-me com alguma curiosidade que tipo de pintura poderia fazer. Acontece-me muitas vezes, depois de conhecer um artista, tentar intuir o seu tipo de pintura. Crianças, muitas, captadas nas suas expressões mais naturais, mas também e sobretudo nas mais incríveis. Não, não teria esperado que Akira pintasse, não apenas, mas principalmente, crianças. A infância vive dentro e ao lado de cada um de nós, apesar de ser a única dimensão da qual estamos todos, irremediavelmente, excluídos. É um universo multiforme, fascinante, mas ao mesmo tempo ignoto e misterioso. Há séculos que solicita a atenção e a criatividade de filósofos, poetas, escritores e artistas; é uma viagem à rebours à qual poucos souberam

resistir, e que cada um de nós, sob formas diferentes, tentou empreender pelo menos uma vez na vida. Talvez porque representa, ao mesmo tempo, o nosso passado e um dos nossos futuros possíveis. Fascinante, sem dúvida. Inquietante, sem dúvida. A realidade é que a infância olhada de longe tinge-se sempre de uma intensa melancolia, porque é o mundo perdido, e representa sobretudo um modo de sentir, ver, tocar, único e irrepetível, de que a idade adulta perdeu o conhecimento directo. Das crianças invejamos o espanto com que olham as coisas, com que procuram indagar o mistério da vida. Ingénuas? Não, muito pelo contrário. E as telas de Zakamoto demonstram-no. Esqueçamos as cabeças louras e as formas deliciosas dos amorzinhos. As crianças de Akira são verdadeiros gigantes — e não só na estatura — depositárias e portadoras de uma sabedoria antiga e ao mesmo tempo ainda em devir. E eis então que nós, os adultos, somos os anões sobre os ombros destas crianças-gigantes, e trepados a eles temos a possibilidade de olhar mais além. Além do visível, além do tangível. Além de tudo o que nos liga, e obriga, ao presente. Não nos deixemos, contudo, enganar pelas telas de Zakamoto. Porque, apesar da sua essencialidade construtiva, são portadoras de mensagens que não se descodificam nem imediata nem facilmente. E por essencialidade entendo o equilíbrio limpo e linear que domina cada uma das suas páginas pictóricas. Observando uma obra sua, não tardamos a dar-nos conta de que tudo está exactamente no lugar certo, de que não há nada a mais nem que perturbe a vista, de que não existem descritivismos inúteis e supérfluos destinados apenas a preencher o espaço. Ausências e presenças são doseadas sabiamente pela mão de um artista a quem, a meu ver, não interessa agradar a todo o custo. Akira assimilou a história da arte do século XX e ao mesmo tempo parece ter feito tábua rasa dela. As suas obras não têm passado — e por isso é inútil procurar citações e ligações com ele — mas têm um presente que vive e grita imperiosamente em cada detalhe. Consideremos portanto Zakamoto um pintor realista do nosso tempo, que não grita a sua denúncia da sociedade contemporânea mas a sublima e, sublimando-a, indirectamente a condena. Subverte o mundo que conhecemos, mudando as relações de força entre as coisas: leva-nos pela mão a um mundo liliputiano em que as casas se tornam de repente pequenas e as crianças gigantes que, não por acaso, quase sempre nos voltam as costas. Leva-nos a uma praia onde um grupo de mulheres maduras é dominado pela figura gigante de uma menina vestida com a bandeira chinesa que emerge do mar e corre veloz para a margem: eis a sublimação da realidade, que assume todavia os contornos de um aviso sobre o que o futuro nos poderá reservar. Mas o seu é também o mundo em que Agnese magicamente se perde entre as nuvens, em que Matteo — menino e herói ao mesmo tempo — é um Super-Homem que descansa das fadigas de nos carregar aos ombros. O seu é o mundo que podemos ver através do olhar da criança que, esperançosa e com o saco do lanche na mão, começa o seu primeiro dia no futuro. E é um mundo que, apesar de tudo, nos enche de esperança e de que gostamos.

Luca Motosese

motosese.com — Texto original em italiano